

A verdadeira riqueza

Chegou um dia em que compreendi que as minhas *reais* necessidades eram grátis e tão inestimáveis como um raio de sol

JOAN MILLS

QUANDO eu era criança, contava minha riqueza em tostões ou em zilhões, e me sentia igualmente feliz quer tivesse uns ou outros.

Minha fantasia cunhava os zilhões, muitos mais do que eu poderia jamais gastar; os tostões, embora fossem em menor quantidade, eram reais. Toda semana, meu pai punha dois na palma da minha mão, com toda a cerimônia, quando recebia o ordenado. Às vezes, um parente me dava um, depois de pensar seriamente em que se poderia gastá-lo.

Eu tinha um cofre de porcelana do feitio de um porquinho, e na sua barriga tilintava pesadamente meu pequeno tesouro escondido. Saboreando uma variedade de sensações, todos os dias eu sacudia o porquinho, só para confirmar.

Era maravilhoso ter dinheiro de verdade, só meu. Quando as bandas de instituições de caridade tocavam hinos na beira da calçada, eu ficava petrificada de alegria, orgulhosa de poder dar minha moeda na altura de fazerem a coleta. Se a carrocinha dos sorvetes passava pela nossa rua, eu às vezes podia ter o grande gesto de ofe-

recer uma casquinha à minha mãe. Sentávamo-nos as duas ao sol, nos degraus da frente da casa, comendo depressa antes que derretesse, lambendo o chocolate que escorria por nossos dedos, sorrindo uma para a outra.

Muitas vezes, no entanto, enquanto os níqueis se acumulavam no porquinho (o que constituía um teste para a minha força de vontade), eu não tinha nenhum para gastar. Nessas alturas, gastava os meus zilhões. Com eles, podia *facilmente* comprar um elefante amestrado, um piano de cauda, o palácio de Buckingham ou cem bolos recheados de geléia. Tal como minha secreta capacidade de voar e o fato de saber que Papai Noel me considerava muito, os zilhões acalmavam a aflição de ser pequena, desajeitada, de usar óculos e de ser filha única.

Como é que podia ter lógica aquilo que as pessoas crescidas me diziam? «O dinheiro não compra a felicidade», garantiam elas. «As melhores coisas da vida são grátis!»

«Que bobagem!», pensava eu. Um dia, porém, como ocorria frequentemente quando eu era muito jovem, uma súbita felicidade me inundou,

como o cáldo brilho do Sol. Repentinamente, ela estava ali, tornando o dia maravilhoso. Parei onde me encontrava, prestando atenção, tentando compreender como aquilo tinha acontecido. Percebi que nunca teria podido comprá-la, nem mesmo com zilhões — e principiei a entender.

Daí para frente, comecei a prestar atenção quando tinha qualquer alegria. Ficava maravilhada com as variadas formas que ela tomava, descobrindo que era verdade, sim, que eu podia ser feliz quando tinha dinheiro, mas que, às vezes, era até mais feliz sem ele. Com um pensamento levando a outro, cheguei à conclusão de que, quando mais necessitava de ser feliz, nem sempre desejava tostões ou zilhões, mas algo de que não sabia o nome.

Com o tempo (havia tanto a aprender!), tornei-me uma mulher feita; mas ainda compreendendo imperfeitamente o mundo. Tinha marido, casa, três filhos. Vivíamos com algo mais que tostões e menos que zilhões. Se havia alguma ligação direta entre a nossa felicidade e os números que constavam do nosso talão de cheques, nunca dei por isso. Meu marido e eu, como a maioria das pessoas, sobrevivemos às dívidas e ao dinheiro inesperado, ao conforto e às catástrofes, aos sonhos e aos desapontamentos. O tempo passou — mais de 20 anos em que fizemos o melhor que sabíamos.

Então, nossas vidas sofreram uma profunda mudança. O casamento chegou ao fim. Os filhos mais velhos, preferindo ser independentes, saíram mundo afora. Com meu filho adoles-

cente, mudei-me para um apartamento e comecei, pela primeira vez na minha vida, a me sustentar sozinha. Só sabia fazer uma coisa: escrever.

Durante certo tempo, tudo correu bem (ou pelo menos, sofrivelmente), mas eu me sentia à deriva, sem rei nem roque, perdida num mundo estranho. Tornou-se difícil escrever; depois tornou-se impossível. Entrei em pânico. *Como iria viver?*

Tinha umas economias — o suficiente, talvez, para alguns meses. Se queria recomeçar a escrever, precisava usar esse intervalo para recuperar minha própria identidade, mas quanto tempo ainda teria para isso? Ame-drontada, fiz uma lista das coisas essenciais: aluguel (é claro!), gás e luz, comida, telefone. E que mais?

Olhei em torno de mim. Havia meses, eu vinha planejando comprar uma poltrona para aquele cantinho, livros, um abajur e algo que desse música ao ambiente. Enquanto enumerava esses desejos, eles desapareceram como por encanto. «Eu preciso é de paz!», pensei. «Paz, coragem e esperança!» Contudo, nem tostões nem zilhões serviriam para comprar estas coisas indispensáveis. Teria que encontrá-las dentro de mim.

Então, algo nasceu em meu coração — uma decisão, talvez. Pensei no companheirismo de meus amigos e nos privilégios de uma vida calma. Tinha ambas as coisas para me ajudarem. Sentia falta de idéias que mantivessem minha mente ativa e objetivos que necessitasse alcançar. Precisava de dignidade também e de uma finalidade diária. Mais ainda do que

receber atenções, eu carecia de ocasiões para dá-las e de sentir que, dando-as, estava ligada ao mundo.

Maravilhada, vi que nem uma só das necessidades específicas do meu espírito dependia de dinheiro. Repentinamente, com grande satisfação, senti-me aliviada do peso desses desejos inúteis e encontrei finalmente o verdadeiro centro da minha vida. «Tudo vai acabar bem», disse, e vi que realmente era verdade.

As feridas, no entanto, levam longo tempo a cicatrizar. Passou-se mais de um ano antes que estivesse outra vez em condições de ganhar dinheiro. Enquanto isso, Chris e eu contávamos cada centavo gasto, mês após mês. Uma mãe com um filho adolescente constituem uma dupla difícil, mas nós dois chegávamos a ser tão tagarelas à mesa do jantar como dois velhos amigos que se encontram num banco de jardim. Havia sempre novidades a comentar, ou uma coisa engraçada para nos fazer rir.

No peitoril da janela, minhas plantinhas lançaram raízes em seus vasos e, lentamente, as folhas verdes e brilhantes brotaram. E eu? Passeando pela rua principal, fiz, de pessoas estranhas, amigos. Ofereci-me como voluntária para trabalhar na clínica local, o que me levou a travar relações de amizade com a vizinhança. Ia a toda parte e aprendi de cor todos os lugares de minha cidadezinha. Gostava de olhar sem cobiça tudo que havia de novo nas lojas. Aspirava o aroma dos lilases. Andar a pé abriu-me o apetite, e tive de fazer ginástica e regime para emagrecer. Meus pra-

zeres eram simples mas preciosos, e, além disso, inteiramente gratuitos.

Quando relembro esse ano, às vezes me sinto espantada. É difícil acreditar como pudemos viver com tão pouco. Desde os tempos em que toda a minha fortuna cabia num porquinho, nunca tinha tido tão pouco dinheiro. No entanto, desde que começara a acreditar na existência de zilhões eu não havia tido acesso a tais riquezas – tamanha consciência da minha sorte, tanta boa vontade em acreditar na bem-aventurança de cada dia e da vida em si. De tudo isto, construí a fé em mim mesma.

Finalmente, algumas palavras surgiram em minha mente. Passei-as para o papel e mandei-as pelo correio. Um primeiro cheque chegou. Soltei um suspiro de alívio que estava guardado havia muito tempo. O dinheiro afinal tem importância (eu nunca disse que não tinha) – assim como o tem a certeza de que a gente é capaz de ganhá-lo e de sobreviver.

Mesmo depois que recuperei a capacidade de ganhar dinheiro, minha vida não tem sido fácil, nem o futuro seguro. Deixei para mais tarde algumas esperanças. Luto para me manter razoavelmente bem, mas continuo feliz. Há algo que eu sei (e Chris também sabe): podemos viver bem e com amor, com muito menos do que julgávamos possível.

Penso naquele dia crítico em que enumerei as coisas essenciais e disse: «Tudo vai dar certo.» É verdade, tudo *deu* certo – e dará, enquanto meu coração recordar quais são as fontes da minha verdadeira riqueza. ▲

66 Entre Aspas 99

NA REALIDADE, o passado, tanto como o futuro, é obra da imaginação.

– Jessamyn West

RECEBER seria muito mais fácil se você se convencesse de que seus convidados não esperam mais da sua casa do que você das deles. – B. P.

QUANDO uma grave injúria nos é feita, não nos recuperamos senão quando a perdoarmos. – Alan Paton

TALVEZ os pais apreciassem melhor os filhos se se lembrassem de que o maravilhoso filme de infância nunca pode ser exibido duas vezes.

– E. N.

NÃO HÁ nenhuma verdade presente que eu tema – ou que pretenda manter oculta dos meus semelhantes.

– Thomas Jefferson

UM HOMEM verdadeiramente apaixonado cavalga num cavalo bravo.

– *Provérbios antigos*

VOCÊ pode sufocar um pensamento ao expressá-lo com muitas palavras.

– F. A. C.

NENHUMA política externa (por mais engenhosa que seja) tem qualquer chance de sucesso se tiver nascido na mente de poucos e sido levada no coração de ninguém.

– Henry Kissinger

SOLIDÃO é saber de cor os programas de televisão.

– B. V.

QUALQUER UM pode ser especialista em assuntos do coração – basta amar alguém.

– A. P.

HÁ DUAS liberdades: a *falsa*, na qual o homem é livre para fazer aquilo que quer, e a *verdadeira*, em que o homem é livre para fazer aquilo que deve.

C. K.

A HISTÓRIA já presenciou guerras que consumiram menos munições do que um cessar-fogo de hoje.

– M. B.

O QUE é viajar? Mudar de lugar? De maneira nenhuma. Viajar é mudar de opinião e perder preconceitos.

– Anatole France